

Nunca Desistas de Viver

Sofia Lisboa

com Natália Heleno Pereira

PREFÁCIO DE DAVID FONSECA

É impressionante para mim o peso que o acaso tem na existência de todos nós. Passamos a vida inteira a tentar alinhar o nosso futuro numa direção específica e, a caminho desse destino glorioso que idealizamos, vão-se multiplicando os acontecimentos aleatórios e estranhos ao nosso objetivo. Durante muito tempo convivi desesperadamente com essa conceção do inesperado, encarando o acaso como um inimigo invisível a tudo disposto para derrotar os meus planos infalíveis para o futuro.

Foram precisos alguns anos para entender que o acaso não é, de todo, meu inimigo. Muito pelo contrário, os eventos inesperados que a vida nos atira são uma lembrança constante da prodigiosa e multifacetada imaginação que o presente nos oferece, sempre a ultrapassar as nossas melhores e piores expectativas. Enquanto o futuro vive num território idílico de um sonho espiritual qualquer, o presente insiste sistematicamente em abanar a carruagem com curvas apertadas, descidas abrutadas e rodas soltas. Fazemos

o plano, desenhamos o trajeto e não tarda a aparecer um acaso para espalhar café em cima do mapa e beliscar-nos os pés. Puxa-nos para os lugares mais improváveis, põe-nos em confronto com aquilo que realmente somos e do que somos capazes. Nunca traz respostas, vem sempre armado com perguntas complicadas e tem um sentido de oportunidade, no mínimo, questionável. Como se lida com um delinquente destes?

Conheci a Sofia num desses acasos inesperados. Tinha deixado o meu curso nas Belas Artes de Lisboa a meio do ano e estava a morar com os meus pais em Leiria de novo. Foi um momento algo difícil e indefinido da minha vida, sem saber muito bem o que se iria seguir. Tinha muitos planos mas não fazia ideia de como iria persegui-los ou executá-los. Por isso, ao invés de fazer algo produtivo com todo o tempo livre que tinha, resolvi comprar o jornal e sentar-me numa esplanada durante semanas. Passava tardes a escrever ideias num livro, sessões de fotografia que ia fazer, projetos insanos e irrealizáveis que envolviam meios que nunca iria ter e textos enormes cujo mote denotava sempre uma certa rebelião imberbe, própria da idade. Numa dessas tardes de luta contra o tédio, vi a Sofia pela primeira vez. Estava sentada numa das mesas com um grupo de amigos e começou a cantar uma canção qualquer acompanhada por um deles à guitarra. Fiquei a ouvi-la com muita atenção e folheei o meu livro até encontrar uma das ideias que tinha registado. E lá estava, numa das páginas: “Formar banda, 4 elementos, bateria, guitarra, baixo, voz masculina, voz feminina.” Continuei a ouvi-la e decidi naquele momento que aquela rapariga era a pessoa certa. Foi preciso muita coragem para vencer a minha timidez absolutamente avassaladora e dirigir-me a ela, mas lá fui eu com o jornal e o livro debaixo do braço a tentar que o meu discurso não parecesse uma linha de engate gasta. Sem saber muito bem como, aquele momento impulsionou a ideia de

formar uma banda muito seriamente; uma tarde igual às outras interrompida pelo acaso deste encontro feliz.

Nenhum de nós suspeitava das proporções que esse momento iria tomar, nem sequer o quanto transformaria as nossas vidas de forma tão impressionante. Os Silence 4 viriam a tornar-se num dos maiores fenómenos de sempre da música portuguesa e iriam ser pano de fundo de alguns dos momentos mais incríveis das nossas vidas. Não eram poucas as vezes em que olhávamos uns para os outros com semblantes de incredibilidade, mas agarrámos o momento com uma alegria diária invulgar. Não tínhamos planos de conquista estudados nem desenhos específicos para o futuro, vivemos o momento de coração aberto por estarmos a fazer algo que era nosso mas também já era de todos: a nossa música.

No meio dessa transformação repentina que vivíamos, tive a oportunidade de presenciar a constante capacidade de adaptação da Sofia ao momento presente com uma maturidade invulgar para a idade que tinha, alheia ao deslumbramento que geralmente acompanha este tipo de eventos extraordinários. Dona de um sentido de humor invulgar que sistematicamente aplicava a todos os lugares comuns da fama, vincava ainda mais a sua forte personalidade deixando para trás o lado mais superficial do sucesso.

Não foi por isso surpreendente para mim que a Sofia tenha enfrentado o maior acaso da sua vida com a mesma determinação, personalidade e, claro, uma dose absurda de humor negro. Da mesma forma corajosa com que enfrentou palcos e públicos, encarou o inesperado diagnóstico de uma doença terrível com o mesmo foco, simplicidade e carácter prático de sempre, sem o deslumbramento negativo que uma notícia destas pode trazer. Claro que foi uma batalha extenuante cheia de derrotas e momentos difíceis, mas que nunca substituiu a Sofia que eu conheci naquela esplanada, tantos anos antes. Nunca poderei reproduzir o teor das

mensagens que trocámos durante os seus internamentos ou as conversas que tivemos durante o seu longo processo de recuperação, tal é o seu grau negro de humor despropositado. Nunca deixei de reconhecê-la em nenhum dos momentos em que estivemos juntos durante esse período, talvez porque ela nunca tenha deixado que a doença a ultrapassasse nesta corrida. À frente estive sempre a Sofia que eu conheço, enérgica, luminosa, sorridente, cansada ou impaciente, foi sempre a sua personalidade que marcou presença naquelas salas e quartos.

Foi assim que a Sofia lidou com este delinquente do acaso, da mesma forma serena com que a vi atravessar um mar de sucessos anos antes. A força e determinação com que enfrentou um diagnóstico tão difícil é uma inspiração para mim e, mesmo parecendo o mais gasto dos clichés, uma verdadeira lição de vida. Hoje, em retrospectiva, estava longe de suspeitar que aquela miúda que vi a cantar pela primeira vez naquela esplanada ia ensinar-me uma ou duas coisas sobre esta coisa misteriosa da existência. É o que se chama um acaso feliz.

CAPÍTULO 1

O telefonema

No dia 19 de setembro, num magnífico domingo que encerrava o verão de 2010, atendi o telemóvel e a minha vida mudou. Às vezes penso que, se me tivesse esquecido dele em casa, poderia ter respirado mais umas horas de felicidade, a sensação única de aproveitar um final de tarde, numa bonita esplanada, sob o céu azul de Lisboa, quando tudo corre bem na nossa vida. Ouvi o som e, como voltarei a fazer vezes infinitas, atendi:

– Sofia, há qualquer coisa esquisita nas suas análises.

Esquisita? O que significa exatamente essa palavra? Serve para quase tudo, desde uma contaminação das amostras até uma doença rara, nunca antes diagnosticada pela humanidade.

– Esquisita como?

– Esquisita. Foi detetado um número anormal de glóbulos brancos, que indiciam um quadro leucémico.

Desta vez, as palavras da minha médica, individualmente, tinham um sentido muito mais preciso, mas todas juntas tinham

um significado totalmente descabido. Eu não sou uma pessoa a quem uma coisa destas poderia acontecer. É do conhecimento geral que as doenças, principalmente as graves, atacam com precisão as pessoas tristes e pessimistas. Eu não me enquadro neste cenário. Não, havia de certeza um engano, um mal-entendido, que ideia a da médica, pensar que aquela notícia poderia ser para mim. O domingo é o dia de descanso, propenso a erros e distrações, em qualquer área profissional.

– Algum problema com o bebé? – perguntei aflita.

O bebé de 14 semanas que trazia comigo tinha sido fruto de uma dura luta. Em primeiro lugar, lutei comigo, para me conhecer, para saber o que queria.

Para muitas mulheres, o desejo de ser mãe nasce com elas e acompanha-as como um fiel companheiro; chegada a altura certa, o caminho é óbvio. Para outras, é uma descoberta tardia, feita nos últimos minutos do tempo regulamentar. Eu fui um bocadinho diferente, parece que não consigo evitar. Apesar de a maternidade ser um sonho de criança, na idade adulta parecia-me mais uma imposição dos outros, para felicidade da família e do país. E, por isso, o primeiro passo para a maternidade foi descobrir se esse era verdadeiramente o meu desejo. Para dificultar as coisas, a natureza não colaborou. Era de esperar que uma moça de província, como eu, estivesse geneticamente predisposta para ter doze filhos e outros que viessem. Mas nada... Parece que me aproximava mais das rainhas sem sucessão, mesmo sem o querer. Este obstáculo, como todos os outros da minha vida, decidiram a contenda. A vida, para me dizer que não, tem de me explicar porquê, e poucas são as vezes em que não a contrario.

E outra luta começou, agora com a natureza, para conseguir a tão desejada gravidez, que quistos e problemas no ovário esquerdo impediam. Alguns procedimentos médicos se passaram até que,

num dia feliz, a tão aguardada notícia chegou: o meu bebé estava a caminho, a mãe guerreira tinha vencido. A partir desse dia, todos os que passassem por mim iam ver um sorriso rasgado na minha face e o *Livro da Grávida* na minha mão. Gosto de estar bem informada! A minha primeira consulta de rotina foi uma verdadeira animação: eu e a médica conversámos, rimos, falámos sobre gravidez e bebés. As análises ficaram perdidas entre um comentário e uma gargalhada. Sem problema, outras consultas poderiam providenciar o momento ideal. E esse verão decorreu com alegria e felicidade: eu, o sol, o meu livrito, o meu bebé, a combinação era perfeita.

E chegámos àquele dia, domingo, 19 de setembro de 2010.

O resultado das primeiras análises de rotina, feitas várias semanas depois do que costuma acontecer, tinha chegado.

– Sofia, o que é que se passa?

Os rostos da minha irmã e do meu marido refletiam a minha preocupação, como um espelho.

– Há qualquer coisa esquisita nas minhas análises.

Outra vez a fatídica palavra, aquela que não diz rigorosamente nada, mas que parece servir para situações difíceis.

– Parece que há um valor alterado na contagem dos glóbulos brancos.

– Mas é grave?

– Não sei, pelos vistos é uma coisa que pode acontecer na gravidez.

– Então, e agora?

– Tenho de ir terça-feira à consulta, falar com a minha médica. Lá é que me vão dizer.

Seguiu-se um longo silêncio. Nenhum de nós sabia o que pensar, quanto mais o que dizer. O resto do dia seguiu entre troca de monossílabos e silêncios. Qualquer palavra poderia transformar os medos pensados em realidades vividas. Pensar poderia atrair

os piores cenários. Não dizer, não pensar, não sentir. Passámos também a noite entre o sonho e a realidade, adivinhando algo de grave, mas sem perceber verdadeiramente a dimensão dos acontecimentos que se tinham abatido sobre nós.

A preocupação era tremenda e não nos deixou esperar pelo dia marcado pela médica. No dia seguinte, segunda-feira, eu e o Pedro, o meu marido, dirigimo-nos ao hospital, ansiosos por receber alguma notícia que contrariasse os nossos piores receios. Mais uma vez pensava que doenças graves não se abatiam sobre pessoas como nós: jovens, simpáticos, bonitos, de bem com a vida. O alívio haveria de chegar a qualquer momento. Alguns médicos viram as minhas análises, que não pareciam indiciar nada de bom, mas quem é que quer verbalizar as palavras que vão destruir um jovem casal?

– Não é bem a minha especialidade, será melhor consultarem um hematologista.

Essas foram palavras que ouvi inúmeras vezes. Não havia, nesse momento, nenhum especialista de hematologia no Hospital de Leiria, visto que a especialidade se cinge à consulta externa, em alguns dias da semana. Essa foi a primeira vez que pensei: “não quero que mais ninguém passe por isto, tenho de arranjar maneira de trazer esta especialidade para Leiria”, a título permanente. Sempre fui assim, inconformada, por outras palavras, teimosa. Já começava a delinear um plano.

Mas, nesta situação, estava fraca, perdida, derrotada. É por isso que a sensibilidade dos profissionais de saúde é tão importante, é sempre a versão mais frágil de nós que precisa dos seus cuidados. Os médicos frios e altamente competentes são um ótimo entretenimento na televisão, mas na vida real não têm graça nenhuma. E assim, duas almas sombrias arrastaram-se um dia inteiro pelos corredores do hospital, desconectadas do corpo, vendo tudo como um sonho, na tentativa desesperada de acordar. Depois a sentença:

– Vocês têm de ir para Coimbra, aqui não podemos fazer nada. Podiam ter dito antes, não? Mas as palavras ficaram presas no pensamento, que o desespero tem destas coisas, e seguimos para Coimbra. Os 60 quilómetros que nos separavam desta cidade pareciam nunca mais terminar e o silêncio mais uma vez reinava, para não se ouvirem palavras que nunca deveriam ser ditas, até que por fim chegámos. No entanto, não foi possível obter qualquer informação conclusiva, tivemos de regressar a Leiria, preocupados, mas sem respostas definitivas. No dia seguinte, terça-feira, voltámos para Coimbra. Finalmente, o diagnóstico:

– A Sofia tem leucemia linfoblástica aguda – sentenciou a médica que nos atendeu em Coimbra.

Mais de 24 horas depois do telefonema que partiu a minha vida em dois (antes do telefonema / depois do telefonema), o horror recebeu o nome que lhe era devido: “leucemia linfoblástica aguda”, três palavrinhas apenas...

A doença com que fui diagnosticada é um cancro no sangue que se caracteriza pelo aumento descontrolado dos glóbulos brancos. No meu caso, está associado a uma mutação de um cromossoma, condição a que os médicos chamam Filadélfia positivo, o que torna a doença ainda mais grave.

– A situação é grave e urgente, a Sofia tem de começar imediatamente com os tratamentos.

Uma médica visivelmente comovida destruía assim, com aquelas palavras, os sonhos de um jovem casal, que há pouco mais de umas horas se preparava para receber uma criança, que há muito desejava.

– E o bebé? – perguntei a medo.

– Não é viável. A Sofia, primeiro, vai para a maternidade, resolver essa situação e, depois, vai para o IPO, para Lisboa.

Como é possível? Como é que uma coisa destas pode acontecer?

Como é que a vida de uma pessoa pode mudar assim, num minuto, num toque de telemóvel? O relógio parou e, quando voltou a mover-se, as cores do mundo tinham mudado, tudo me parecia acinzentado, triste. A realidade tinha modificado a nossa vida para sempre.

Ao ouvir aquelas palavras, caí no chão de joelhos, incapaz de me levantar. A voz do Pedro obrigou-me a reagir:

– Sofia, onde está a mulher forte e corajosa que eu conheço? Isto foi o que nos aconteceu, agora vamos lutar e vamos vencer.

Os nossos olhos encontraram-se. Sim, a situação era grave, mas não estava só. Lentamente, ergui-me, coloquei a minha mão na dele e preparei-me para a penosa viagem que me esperava.

O Pedro sempre foi o menos otimista dos dois, mas naquele momento encontrou no coração as palavras que eu precisava de ouvir.

Entretanto, a família ansiava por notícias e elas eram as piores. É nestes momentos que temos de ir buscar forças lá mesmo ao fundo, para conseguirmos suavizar a violência dos factos.

A reação de cada um deles, soube-a mais tarde. A minha irmã apercebeu-se da gravidade da situação no exato segundo do telefonema. Nos dois dias seguintes, preparou-se para o momento em que a notícia, que ela pressentiu de imediato, se materializasse. O veredicto chegou dois dias depois, quando ela estava a trabalhar. Saiu a correr do trabalho, pois ela vive em Lisboa, e dirigiu-se para o IPO.

– Porque foste para lá, Sónia, se eu ainda não tinha chegado?

– Foi instintivo, sabia que aquele lugar ia passar a ser o centro da minha vida – respondeu-me.

Restavam os meus pais. O meu pai não reagiu, sufocou todos os sentimentos. A minha mãe entrou em negação e repetia exaustivamente que se tratava de um erro médico.

– Mãe, eu e a Sofia precisamos de ti. Aceita a realidade, como a mulher forte que és.

É assim a minha irmã, sempre a mãe de todos nós, apesar da aparente fragilidade. Depois deste abanão, a minha mãe deixou tudo para trás, e mudou-se de malas e bagagens para Lisboa. Justiça lhe seja feita, nunca mais abandonou o posto e esteve sempre, sempre ao meu lado, encarnando a mãe coragem, aquela que está junto dos seus filhos em todos os momentos.

Foi a estas pessoas que eu tive de dizer, fingindo força, as palavras que me partiam o coração:

– Sim, as más notícias confirmam-se, mas tudo se vai resolver, os tratamentos vão começar. Não demorará muito tempo até estar curada. Aí posso retomar a minha vida onde a deixei.

Esta era a meia verdade que dizia aos outros e a mim própria. Mas convenhamos, se nós encarássemos com frieza e realismo tudo o que de mau se abate sobre nós, não nos conseguíamos levantar de manhã. A ilusão é irmã da esperança e esta realidade já era suficientemente má. Avisámos a família mais próxima. A minha irmã avisou os amigos mais chegados, que por sua vez tiveram a missão de avisar as restantes pessoas. Excecutando as mensagens escritas, cortei a comunicação com o mundo. Não me apetecia falar e as minhas energias estavam canalizadas noutro sentido.

Vimo-nos, assim, de novo na estrada, desta vez a caminho de Lisboa. O natural seria seguir para o IPO de Coimbra mas vários fatores, entre os quais o facto de a minha irmã morar em Lisboa, conduziram-me para esta cidade. Regressámos ao local onde tínhamos começado.

Dirigi-me ao IPO, onde fui recebida por uma médica amorosa, com um olhar dócil, mas sério. Não me iludiu, não me disse que ia correr tudo bem, mas a segurança e o tom meigo da sua voz tranquilizaram-me, fizeram-me sentir segura, apesar da gravidade da situação.

Infelizmente, antes do IPO, antes da luta, esperava-me a maternidade, de onde ia sair sem qualquer criança nos braços. No local onde outros celebram o milagre da vida, eu ia materializar a minha dor. Para além do sofrimento, a culpa. Eu não tinha sido uma mãe à altura, não tinha conseguido proteger o meu bebé de todos os males do mundo. Pior, era a causadora de tudo aquilo, como é que se pede desculpa por isso? E a quem?

Fui colocada numa cama recatada, longe da felicidade, e aguardei a cirurgia de interrupção. A maternidade é um espaço simples, despojado de luxos, com vários quartos. Ao longo de um corredor havia quartos onde as pacientes estavam colocadas, de acordo com o tempo de gestação, pelo que encontramos neste espaço diferentes quadros clínicos... Eu fiquei numa pequena ala, depois do corredor, a que podemos chamar o recanto da vergonha, onde eram internadas as mulheres que iam interromper a gravidez.

A minha situação era tão triste que permitiram a permanência do Pedro ao meu lado, para me acompanhar durante a noite, que seria difícil. Entretanto, eu já tinha tomado medicação, para facilitar a intervenção cirúrgica de interrupção, que aconteceria no dia seguinte.

O incómodo causado pela medicação manteve-me acordada e obrigou-me a ir várias vezes à casa de banho. Cada travessia do longo corredor era um suplício, os olhos das outras pacientes caíam acusadoramente sobre mim... Os contornos da situação eram desconhecidos e a aparência de aborto voluntário sobrepunha-se. O choro constante dos bebés recordando-me dolorosamente o que eu estava a perder completava o cenário de horror.

A dada altura, senti dores atrozes, o Pedro chamou uma enfermeira, que assim que chegou fechou as cortinas em torno da cama e permaneceu ao meu lado, deixando o Pedro do lado de fora. Fiquei de pé, ela colocou uma arrastadeira sob as minhas pernas

e sofri, durante um tempo que não sei precisar, sofri, como sofrem todas as futuras mães. Mas eu não pertencia a esse grupo! Em pé, com aquele objeto de metal entre os meus pés, sentia que eu e o meu bebé estávamos a ser despojados de toda a humanidade. De repente, um som frio no metal. Depois, o silêncio. Um silêncio sepulcral que substituíra o som do choro da vida. Na minha alma abriu-se uma ferida que nunca mais sarou... Nenhuma dor, física ou psicológica que eu tenha vivido depois, se pode comparar a esta. Ironicamente, para a minha recuperação, o facto de a interrupção ter acontecido, antes do previsto, era positivo, ganhava tempo...

Nessa noite, o meu bebé quis salvar a mãe, abandonando mais cedo o mundo dos vivos. Para tornar o desgosto mais suportável, dizia a mim própria que aquele bebé não era verdadeiramente meu... Tinha sido um anjinho que Deus me enviara, para me avisar da doença. Terminada a sua missão, voltou para o seu lugar, no céu. Sobre este momento não escreverei mais nada. Se o pensamento me leva para essa noite, afasto-o e imagino uma criança loura, sorridente, linda e nada mais há a acrescentar.

Após a sua partida, ficou o vazio. Restava-me apanhar os pedacitos partidos, colá-los da melhor maneira e preparar-me para a minha nova vida.

